

OPINIÃO

Os artigos assinados publicados nas páginas A2 e A3 não expressam necessariamente a opinião de A TARDE.
Participe desta página: e-mail: opiniao@grupoatarde.com.br
Cartas: Redação de A TARDE/Opinião - R. Professor Milton Cayres de Brito, 204, Caminho das Árvores, Salvador-BA, CEP 41822-900

Levi Vasconcelos



TEMPO PRESENTE
tempopresente@grupoatarde.com.br

Cacau, um tempo novo nas terras dos coronéis

A região do cacau, que já representou 60% do PIB baiano e mergulhou no abismo 29 anos atrás, quando a vassoura de bruxa fulminou os cacauais, como a fênix ressurge das cinzas também puxada pelo cacau.

Obvio que nada nos moldes de antes. Quem pensa num revival do tempo da pujança que como emblema os coronéis, vai ter que se contentar em ler os livros de Jorge Amado.

Os novos horizontes se descortinam pelo oposto, a *finess*. A produção de chocolate de primeiríssima linhagem. Marcos Lessa, o criador do Festival do Chocolate, contabiliza mais de 40 marcas. No embalo dos novos tempos, a Dengo Chocolate, empresa do grupo de Guilherme Leal, um dos donos da Natura, está pagando bônus aos produtores que variam de 70 a 100% do valor de mercado, se a qualidade for vip.

Lá se fala que Guilherme cogita abrir uma loja na Quinta Avenida, em Nova Iorque, só para vender chocolate baiano.

Disso resulta que a região vê uma enxurrada de investidores chegando ou netos e bisnetos de coronéis querendo garantir vaga no filão.

PARQUE TECNOLÓGICO — A ancoragem científica vem do Centro de Inovação do Cacau, inaugurado semana passada em Ilhéus, abrindo os trabalhos do Parque Científico e Tecnológico do Sul da Bahia, fundado em 2015 e que reúne uma série de associações, puxados pela Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) e Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).

QUALIDADE — É o CIC que vai certificar a qualidade que a Dengo vai bancar, assegurando a qualidade das amêndoas.

Isso se completa com a remodelação da Ceplac, que vem sendo gestada pelo diretor geral da instituição, Juvenal Maynard. As alternativas serão anunciadas em setembro.

“A responsabilidade é solidária, de todos os órgãos públicos e entidades, mas acima de tudo do proprietário da embarcação, que gera o serviço, é o responsável maior, porque presta um serviço inadequado”

JOSEANE SUZART, promotora, ao anunciar que amanhã abrirá uma ação no caso da tragédia de Mar Grande.



AO MESTRE COM CARINHO | Alunos do Colégio Estadual Mestre Paulo dos Anjos, no Bairro da Paz, em Salvador, homenageiam o homem que dá nome à escola, para eles, motivo de orgulho, no Projeto Mais Grafite, que a SEC toca nos quatro cantos da Bahia

Nova onda

Almir Pereira, aposentado do Banco do Brasil que tornou-se uma das lideranças comunitárias da ilha, diz que Mar Grande bateu palmas para a decisão do Ministério Público de responsabilizar órgãos públicos e empresários pela tragédia de quinta-feira. E ironizou: — Culpar uma onda é muita onda.

Meia sola

Com mais de 800 projetos em tramitação, a quase totalidade inconstitucional, a Comissão de Constituição e Justiça da Assembleia virou um núcleo de rejeição das iniciativas legislativas dos nossos deputados.

Esta semana apreciou um de Bobô (PCDoB) que obriga hospitais a ter geradores. Alertou-se sobre a inconstitucionalidade por gerar despesas. Para não perder a viagem, tiraram os públicos e deixaram só os privados.

Morte anunciada

Presidente da Comissão de Meio Ambiente da Assembleia, o deputado Fábio Souto (DEM) se diz desencantado com o tratamento que o governo federal dispensa à revitalização do Rio São Francisco:

— Lula nada fez, Dilma também não e agora Temer nada faz. Se continuar assim, dentro de dez anos as obras da transposição serão ruínas, por falta de água para transportar. O rio está morrendo a olho nu.

Ele ressalva que a revitalização do Velho Chico deveria ser uma causa para toda a Bahia abraçar, com determinação e sem picuinhas partidárias.

POUCAS & BOAS

● **Moradores da Pituba pedem providências a ACM Neto sobre a Praça Wilson Lins, no antigo Clube Português. Se disse que lá seria instalada uma das piscinas das Olimpíadas do Rio. Nada aconteceu. O que se vê lá hoje é o abandono.**

POLÍTICA COM VATAPÁ

O petróleo e os caranguejinhos

Essa vem da lavra de Cristóvão Rodrigues, radialista, presente no ato.

1971. O general Ernesto Geisel, então presidente da Petrobras (três anos mais tarde se tornaria presidente da República), visitou a Refinaria Landulpho Alves, em São Francisco do Conde.

Fim da inspeção, a imprensa se aproximou, Geisel atendeu. Nilton Moura Costa, radialista da Rádio Sociedade da Bahia (que em 1974 se elegeria deputado estadual), aproximou-se:

— Presidente, de vez em quando a Petrobras derrama óleo ali e causa um grande estrago. O senhor pensa em fazer alguma coisa sobre isso?

E Geisel:

— Penso. Eu vou fechar a Petrobras para salvar os seus caranguejinhos.

Um balão solto na praça

Paulo Ormindo de Azevedo

Arquiteto, professor titular da Ufba
paolormindo@gmail.com

Fazia eu minha caminhada na praça Ana Lucia Magalhães, na Pituba, quando um balão se soltou de uma criança e começou a voar levando os meus pensamentos. As praças mediterrâneas são secas, desde a Antiguidade, não têm vegetação. Mas para compensar, têm uma fonte. Ali a população ia recolher a água e jogar conversa fora. Hoje os turistas vão se banhar durante o calor do ferragosto. Também tivemos essas fontes: “Fui no Tororó beber água não achei/Achei a bela morena/ Que no To-

roró deixei”.

As fontes barrocas chegam a ser exageradas, como a Fontana di Trevi, maior que a própria praça. Prefiro a delicada Fontana delle Tartarughe no ghetto de Roma. Notáveis são as praças de armas, ou zócalos, reminiscência islâmica, da

Praças sem árvores, bancos, pássaros, gatos e micos, onde é proibido pisar na grama não são praças,

América espanhola. Algumas em lugar da fonte têm uma glorieta, mas todas têm portais onde a população passeia a coberto, namorando, bebericando e comprando. Vivi seis meses em Cusco, no Peru, e curti muito sua praça de armas, que está no mesmo local da milenar Huacaypata incaica. Seus portais ainda conservam a memória de seus antigos mercados: portal de carnes, de panes, de harinas, de carrizos e de los escribanos, aqueles que rabisavam cartas e petições para os iletrados.

As praças de armas espanholas são uma imitação das americanas. Gosto de entrar através de vielas tortuosas na geometria mais que perfeita da praça de armas de Victoria, no país basco. Praças no trópico

sem árvores, bancos para namorados, pássaros, gatos e micos, com piquetes e onde é proibido pisar na grama não são praças, são solários. Ruminando recordações, meu balão foi pousar entre outros coloridos no verde zócalo de Oaxaca, no México, com seus grandes lousos da Índia, que resistem aos prefeitos e onde ainda existem engraxates, cantadores, realejos, lambe-lambes e camelôs loquazes, como antigamente na nossa praça Cairu. “Abençoado seja o camelo dos brinquetes de tostão: / O que vende balões-zinhos de cor / O macaquinho que trepa no coqueiro... / Alegria das calçadas... / E dão aos homens que passam preocupados ou tristes uma lição de infância” (Bandeira).

ESPAÇO DO LEITOR

opiniao@grupoatarde.com.br

Ⓞ Banalização da vida

Como neste triste episódio ocorrido na travessia entre Mar Grande e Salvador, nos acostumamos com as notícias de mortes e violência, e à banalização da vida. Nos acostumamos com a falta de recursos para a saúde e educação, enquanto uma elite encastelada no executivo, legislativo e judiciário percebem muitos salários, que envergõem um vasto humilde trabalhador. Nos acostumamos a pagarmos altos e injustos impostos, sem nada recebermos em troca. Nos acostumamos a não termos tempo para a família e os amigos, e a não termos tempo para abrir a janela e ver o sol nascer. Na dita pós-modernidade, a vida vai perdendo o sentido, caindo no sombrio vazio da existência, cada vez mais distante de si mesma! **ERIVAN AUGUSTO SANTANA, JOHANNES-BERG SANTANA@GMAIL.COM**

Ⓞ Lanchas: fiscalização zero

Um comentário sobre a fiscalização das lanchas na travessia entre Mar Grande e Salvador, citou “a fiscalização é zero” (A TARDE de 25/08). Tem fiscalização sim, mas notei ao longo dos anos uma cultura de complacência e falta de preocupação sobre muitos aspectos da segurança nos transportes e prédios públicos. Naturalmente, isso será negado pelas autoridades responsáveis, mas os fatos mostram o contrário. No exemplo das lanchas, nenhum conhecimento técnico é necessário para observar, por exemplo: 1. Em algumas lanchas, falta suficientes salva-vidas para os passageiros

no convés superior e a maioria está embaixo, com um freezer cheio de gelo em frente do depósito! Quem vai correr por baixo para pegar o seu no momento de desespero geral? 2. O dono da lancha que virou tem uma embarcação liberado pela Agerba (“Costa do Mar”) que é mais perigosa ainda. Este tem um convés superior alto e pesado, acima de uma base estreita. Isso desafia a lógica básica da física e — como o exemplo do salva-vidas — esses detalhes não são vistos ou dado crítica pelos fiscais responsáveis. Uma pergunta básica é por que nós temos de viajar no século 21 com embarcações do século 19? A razão sempre proferida é porque o atracadouro em Mar Grande não é adequado para embarcações modernas. Então por que ninguém quer investir para ter um serviço mais rápido e seguro? E, por que o governo estadual parou com a obra de

modernizar o atracadouro? Começou mas acabou contratando uma empresa “amiga” e esgotou o orçamento antes de completar e a empresa responsável abandonou a obra (tipo FIOL e transposição do Rio São Francisco). E a segurança do Ferryboat? Quem viu nos ferries velhos como as bolsas salva vidas estão posicionadas na altura do quarto andar, ambos os lados sem saída? E para saltar elas no mar, sem controle e a possibilidade de entrar? Por fim, mais um exemplo preocupante se observa nos prédios públicos e shoppings etc: quantas portas só abrem por dentro, e não por fora! Quantas pessoas já morreram porque não conseguiram abrir a porta quando a multidão em alto pânico estava empurrando incontrolavelmente para sair? Nenhum corpo de bombeiros pode dar alvará para um prédio com este defeito básico. Enfim. Como nossos políticos não se preocupam com sua incapacidade de governar com ética e a responsabilidade fiscal, muitas autoridades responsáveis pela segurança pública, aparentemente, não levam o trabalho a sério o suficiente para garantir essa segurança! **ROGER HALE, ROGBAHIA@MAC.COM**

Ⓞ Reforma política

As quadrilhas político-partidárias estão unidas para aprovar fundo bilionário para financiar campanhas eleitorais e ressuscitar as “doações” de empresas. Estão acostumados aos gastos milionários com marqueteiros, filmes, efeitos especiais, programas, showmícios, carreatas, jatinhos à disposição, cara-

vanas pelo país e, principalmente, às “sobras de campanha”, que fazem a alegria dos corruptos impunes. Enfim, tudo o que engane a população. São peças publicitárias de venda, cheias de blá-blá-blá vazio, frases de efeitos, belas imagens, emocionantes depoimentos “espontâneos”, abraços e sorrisos do povo, criando uma falsa realidade para fazer esquecer a cruel realidade que os canais eleitos e seus comparsas implantaram no País de corrupção, violência, sofrimento, desemprego, pobreza... Os valores usados nas campanhas políticas de 2006 a 2016 somam mais de R\$ 30 bilhões!!! Basta somar os bilhões de propinas já apuradas da JBS, Odebrecht, OAS, Camargo Corrêa, Queiroz Galvão, UTC, Engvix, Alstom, bancos, etc. e os valores ainda a apurar. Gilmar Mendes declarou que R\$ 3,6 bilhões para do fundo é pouco para o “financiamento” das campanhas! Ele sabe do que está falando. Qualquer valor será menor do que os R\$ 6 bilhões por pleito, em média, usados pelos bandidos instalados no Executivo, Legislativo e Judiciário. As campanhas devem ser feitas com discursos de convencimento e as realizações nos mandatos. **JOSÉ RENATO ALMEIDA, JRMALMEID@GMAIL.COM**

Ⓞ Esperança

Parabenizo esta empresa pela coluna do médium Divaldo Franco. Num mundo tão conturbado e ante a grave crise política por que passa o nosso país, os artigos do ilustre Divaldo acalentam a esperança de um mundo melhor. **ANA CLAUDIA XARA GONCALVES, CAUXARA@GMAIL.COM**

Como neste triste episódio ocorrido na travessia entre Mar Grande e Salvador, nos acostumamos com as notícias de mortes e violência, e à banalização da vida